

urnas

868

Ideologias estão esquecidas. Valem mais as imagens

SYLVIO COSTA

Se as ideologias não morrem, pelo menos no Brasil foram mantidas num estado próximo da hibernação nesta campanha eleitoral. A três dias do primeiro round da batalha presidencial, políticos dos mais diversos matizes concluem que, das eleições realizadas no País nos últimos tempos, esta é a menos marcada pelo debate ideológico.

Direita ou esquerda? Democracia ou ditadura? Liberalismo ou socialismo? Sem dúvida, a discussão de temas do gênero nem de longe foi a tônica da primeira rodada da corrida sucessória. Com raríssimas exceções, os candidatos deram pouca ênfase à afirmação de mensagens partidárias ou mesmo à apresentação de propostas de governo. Todos priorizaram a moldagem de sua própria imagem pessoal.

“Numa eleição solteira”, observa o cientista político Francisco Wefort, um dos principais ideólogos do PT, “a tendência à personalização é muito forte, o que obscurece o divisor ideológico”. O senador Marco Maciel (PFL/PE) não apenas concorda, como vai além: “Nesta campanha, quem investiu no veio ideológico não alcançou os efeitos desejados”.

Conforme pesquisa realizada no início do ano passado pelo Vox Populi, 62% dos eleitores brasileiros escolhem os seus candidatos em função de sua personalidade ou de suas realizações passadas. Somente 7,3% definem a sua opção em razão de partidos políticos.

O deputado pernambucano Roberto Freire, inegavelmente, é um dos raros presidenciáveis que apresentaram um discurso ideológico claro. Nas pesquisas, porém, ficou oscilando entre 1 e 2% das intenções de voto. No campo conservador, Afif Domingos, Paulo Maluf e Ronaldo Caiado resolveram brandir, na reta final da campanha, a bandeira do anticomunismo. Não aumentaram em nada os seus índices de adesão eleitoral e, segundo maioria dos analistas políticos, os três têm poucas chances de ir ao segundo turno.

Tititi — Tarimbados políticos, de qualquer maneira, não se limitam a concluir que ideologia não é um bom cabo eleitoral. Identificam nas eleições de 89 um menor peso do componente ideológico — aqui entendido no seu sentido mais amplo, de um conjunto razoavelmente organizado de idéias — do que em pleitos anteriores. Em 82, as urnas atenderam à convocação de fortalecer o PMDB para derrotar o regime militar, no rumo da normalidade democrática.

Em 86, aprovou-se o aceno distributivista do Plano Cruzado e o PMDB recebeu o aval para permanecer no comando da transição. Em 88, o recado era outro: a insatisfação com a crise econômica e com os descaminhos da transição. Na histórica eleição presidencial de 89, a temática mudou.

Conforme pesquisa,
apenas 7,3% dos
eleitores escolhem
seus candidatos
em função de sua
personalidade ou
de realizações
em outros cargos

Discute-se, sobretudo, se determinado candidato é ou não corrupto, se foi um parlamentar atualmente, se age com sinceridade ou não, assim por diante. As duas dezenas de concorrentes inscritos tornaram-se o centro dos debates.

“Falta cultura política no Brasil”, enfatiza o senador Jarbas Passarinho (PDS/PA). “Não alcançamos ainda o estágio em que o voto é decidido pela ideologia. Estamos nos três estágios anteriores. Vota-se ou pelo carisma do candidato, por clientelismo ou, no máximo, por pressão de grupos organizados, como os sindicatos ou a Igreja. O próprio PT, que é um dos partidos brasileiros com maior coerência no discurso, não tem uma linha ideológica definida, porque conta com inúmeras correntes internas divergentes entre si”.

O senador Roberto Campos (PDS/MT) polemiza: “A defasagem intelectual neste País é tanta, que, entre os artistas daqui, ainda é moda apoiar o comunismo; algo que perdeu o charme na França há pelo menos 15 anos”.

Reaprendendo — Wefort devolve na mesma moeda: “Concordo que há atraso do lado da esquerda, mas a direita brasileira é muito mais atrasada. Até hoje, não permitiu que se fizesse a reforma agrária. Somos um País onde 50 milhões de pessoas não sabem o que vão comer depois de amanhã. E nenhuma sociedade do mundo conseguiu superar uma situação de tantas desigualdades sociais, como a encontrada no Brasil, sem admitir, por exmplo, uma forte intervenção estatal”.

Ambos concordam, contudo, que prevalece a pobreza de idéias nesta eleição. “O debate ideológico foi notável no tempo de Juscelino Kubitschek ou de João Goulart”, lamenta Wefort. “Hoje, o que vale é o desempenho pessoal de cada candidato, e isto não é nada bom para o processo democrático”. Para os políticos, de todo modo, não se trata de uma dificuldade insuperável. Mas de um problema típico de uma sociedade desacostumada com o jogo democrático. No dia 15, afinal, 82 milhões de “alunos” estarão retomando uma lição interrompida há exatos 29 anos e 43 dias.